

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (PÔSTER)

NOME: MARIA CRISTINA DA SILVA

TÍTULO: MULHERES NO CÁRCERE E A CULTURA ESCRITA - NOTAS SOBRE PESQUISA EM PRESÍDIOS.

AUTORES: MARIA CRISTINA DA SILVA, MARIA CRISTINA DA SILVA

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): não se aplica

PALAVRA CHAVE: MULHERES,CULTURA ESCRITA, PRESIDIOS

RESUMO

O trabalho constitui parte de nossa pesquisa do Doutorado que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento, Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Propomos uma discussão a partir das notas do caderno de campo, realizadas em nossa imersão no campo em que tínhamos como objetivo identificar práticas de leitura e escrita de mulheres em privação de liberdade, bem como apontar os significados que estas práticas têm para estas mulheres. Nosso estudo acontece em uma penitenciária feminina em Belo Horizonte/MG em que nossa entrada e permanência na instituição penal demandaram de autorização prévia da Secretaria de Estado de Defesa Social/SEDS. Interrogamos sobre a cultura escrita, mas também buscamos compreender as histórias partilhadas nos vários momentos de nossa pesquisa de campo e compreender a circulação do escrito e seus usos bem como da oralidade e como ambos circulam. O cotidiano das mulheres/alunas no cárcere pode ser compreendido sobre vários aspectos, no entanto todos eles estão muito interligados. A complexidade deste mundo do aprisionamento nos faz refletir em nossa pesquisa sobre a dificuldade de distanciamento enquanto pesquisadora. A impossibilidade de não perceber e compartilhar a dor externada por estas mulheres (alegria, tristeza) nos aponta que falar de mulheres neste contexto implicou em buscar a todo o momento um distanciamento nem sempre possível, haja vista a urgência da humanização nas relações em presídios. Foi necessário um cuidado especial com julgamentos sobre os atos praticados por cada um dos que ali se encontram sejam mulheres encarceradas, agentes penitenciários, professoras (es) e demais funcionários que atuam no estabelecimento. A história de cada mulher é para nós a relação que cada uma estabelece com este lugar e como encontra-se inserida neste contexto. Nosso referencial teórico busca articular as categorias gênero, classe e raça a partir do conceito de interseccionalidades. Apoiamo-nos em autores como Arendt, Hall, Goffman, Foucault, Santos e Spivak para tratar da invisibilidade, do cotidiano e das relações de saber/poder dos que vivem encarcerados. Por meio das notas de campo de observações e participação em festas e eventos culturais organizados pela instituição escolar, análise de materiais e objetos utilizados em sala de aula bem como materiais escritos a que as presidiárias têm acesso (livros didáticos e de literatura, materiais de cunho religioso, revistas, jornais) buscou compreender como estes eventos acima apontados e o cotidiano desta escola se movimentam. Temos como ponto de partida para nossa metodologia uma perspectiva etnográfica reflexiva, assim utilizamos procedimentos da etnografia, como a observação, o registro em caderno de campo, a descrição densa, reflexiva e ética. A pesquisa na perspectiva etnográfica implica cuidados e responsabilidades com os sujeitos pesquisados, assim como ética com os dados coletados e as descrições realizadas. Ressaltamos que não se trata de fazer etnografia em salas de aula em presídios, mas usufruir dos estudos da etnografia para que assim pudéssemos, em nossas observações e registros, ter clareza e buscar a reflexão aprofundada sobre o nosso objeto de pesquisa. É constante o uso de revistas, jornais, lista de presença diária durante as aulas que as alunas devem assinar registrando que compareceu às aulas, desenho, comentários sobre filmes, novelas, jornais televisivos, pôsteres fotográficos, material mimeografado, crachás de identificação das detentas, letras de música. Estes são partes dos muitos momentos e confirmação de uma intensa e enorme circulação de textos escritos, mas que cotidianamente perpassam o presídio de forma despercebida pela escola. Durante nossa pesquisa de campo rara foram as relações estabelecidas entre o cotidiano das detentas e o significado e extensão da escola ou da cultura escrita, que fosse para além de um processo de escolarização-alfabetização. Mesmo sendo de uma escola no contexto prisional, segue-se uma mesma lógica e rigor ainda presentes em EJA nos estabelecimentos formais de ensino em contextos não prisionais. A despeito da existência de Referências Curriculares Nacionais para a EJA nas prisões. Se a escola é rígida em sua prática pedagógica por meio de suas atividades escolares no que tange as relações humanas ela é muito sensível a estas que por razões muito diversas e adversas vieram a perder sua liberdade. No silêncio dos olhares, no abraço, nas despedidas, nos brindes, nos filmes com pipoca, diariamente se encontram e se despedem acreditando ser possível ser professora e professor. Alfabetizar, ensinar, aquelas que buscam na sala de aula diminuir seu tempo de apenadas, ou passar algumas horas fora da cela. Uma sala que não é cela, mas que se encontra dentro dos muros vigiados e monitorados, por detrás de grades, de portões trancados. Um lugar conhecido por muitos do seu entorno, mas que desconhecem o seu interior, aquelas que lá se encontram aprisionadas. Mulheres de todas as idades em grande parte jovens, pardas e negras e que do outro lado do muro deixaram filhos, companheiros, companheiras, amigos, parentes que cotidianamente vivem a solidão ou o medo que permeia uma cela. Dominar a leitura e escrita pode significar muito, pode certamente possibilitar compreender seus direitos enquanto mulheres mesmo que em privação de liberdade.